

VLADIMIR ILITCH

LENINE



O Diário de um Publicista (Setembro 1917)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

O Diário de um Publicista

Vladimir Ilitch Lénine
1917

Escrito a 22-24 de Setembro de 1917
Publicado pela primeira vez em 1924
na Revista Proletárskaia Revoliútsia nº3.

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I. Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, t2, pp 313-317
Traduzido das O. Completas de V.I. Lénine 5ª Ed. russo t.34 pp 257-263

OS ERROS DO NOSSO PARTIDO

Sexta-feira, 22 de Setembro de 1917

Quanto mais se medita no significado da chamada Conferência Democrática, quanto mais atentamente se a observa de fora - e de fora, dizem, vê-se melhor - mais firme se torna a convicção de que o nosso partido cometeu um erro ao participar nela. Devíamos tê-la boicotado. Perguntarão talvez qual a utilidade de analisar tal questão. Não podes voltar ao passado. Mas esta objecção quanto à tática do dia de ontem seria claramente inconsistente. Sempre condenámos e, como marxistas, somos obrigados a condenar, a tática daquele que vive «dia a dia». Os êxitos momentâneos não nos bastam. Não nos bastam também em geral os planos para um minuto ou para um dia. Devemos verificar constantemente os nossos actos, **estudando** a cadeia dos acontecimentos políticos na sua totalidade, nas suas relações de causalidade, nos seus resultados. Analisando os erros do dia de ontem, aprendemos nós próprios a evitar os erros de hoje e de amanhã.

No país cresce claramente uma nova revolução, uma revolução de **outras** classes (em comparação com as que realizaram a revolução contra o tsarismo). Nessa altura foi uma revolução do proletariado, do campesinato e da burguesia em aliança com o capital financeiro anglo-francês contra o tsarismo.

Agora cresce a revolução do proletariado e da maioria dos camponeses, isto é: do campesinato pobre contra a burguesia, contra o seu aliado, o capital financeiro anglo-francês, contra o seu aparelho governamental encabeçado pelo bonapartista Kérenski.

Agora não nos deteremos nos factos que testemunham o crescimento de uma nova revolução, pois, a julgar pelos artigos do nosso órgão central, o *Rabótchi Put*¹, o partido já esclareceu a sua opinião sobre este ponto. O crescimento de uma nova revolução representa, parece, um fenómeno geralmente reconhecido pelo partido. Naturalmente, ainda precisamos de uma revisão dos dados sobre este crescimento, mas eles devem constituir o tema de outros artigos.

Neste momento, o mais importante é prestar a maior atenção às diferenças de classe entre a velha revolução e a nova, a apreciação do momento político e das nossas tarefas do ponto de vista desse fenómeno fundamental que é a correlação das classes. Então, na primeira revolução, a vanguarda foram os operários e soldados, isto é, o proletariado e as camadas avançadas do campesinato.

Esta vanguarda **arrastou atrás de si** não só muitos dos elementos piores, vacilantes, da pequena burguesia (recordemos as vacilações dos mencheviques e dos trudoviques em relação à república), mas ainda o partido monárquico dos democratas-constitucionalistas, a burguesia liberal, transformando-a em republicana. Porque é que tal transformação foi possível?

Porque o domínio económico é tudo para a burguesia, e a forma de domínio político é uma questão secundária, a burguesia pode dominar também numa república, o seu domínio é mesmo mais seguro numa república, no sentido de que neste regime político nenhuma alteração na composição do governo, na composição e no agrupamento dos partidos dirigentes atingem a burguesia.

Naturalmente, a burguesia era e será pela monarquia, porque a protecção mais brutal, militar, do capital pelas instituições monárquicas é mais visível, «mais próxima» para todos os capitalistas e latifundiários. Mas, sob uma forte pressão «de baixo», a burguesia «conformou-se» sempre e por toda a parte com a república, com a condição de salvar o seu domínio económico.

1 **Rabótchi Put (Via operária)**: diário, órgão central do Partido Bolchevique; publicou-se de 3 (16) de Setembro a 26 de Outubro (8 de Novembro) de 1917 em substituição do jornal *Pravda*, fechado pelo Governo Provisório. A partir de 27 de Outubro (9 de Novembro) o *Pravda* voltou a publicar-se com o seu título original.

Agora o proletariado e o campesinato pobre, isto é, a **maioria** do povo, colocaram-se numa relação tal com a burguesia e o imperialismo «aliado» (e também mundial) que **não é possível «arrastar» atrás de si** a burguesia. Mais ainda: as camadas superiores da **pequena** burguesia e as camadas mais abastadas da pequena burguesia **democrática** são claramente contra uma nova revolução. Este facto é a tal ponto evidente que não é preciso determo-nos nele agora. Os senhores Liberdan², Tseretéli e Tchernov ilustram-no com a maior evidência.

A inter-relação das classes modificou-se. Nisto está o essencial.

Não são as mesmas classes que se encontram «de um lado e do outro da barricada».

Isto é o principal.

Nisto e **só** nisto está a base **científica** para falar de uma **nova** revolução que poderia, raciocinando de forma puramente teórica, tomando a questão em abstracto, realizar-se legalmente se, por exemplo, a Assembleia Constituinte convocada pela burguesia desse uma maioria contra ela, desse a maioria aos partidos dos operários e dos camponeses pobres.

A inter-relação objectiva das classes, o seu papel (económico e político) fora das instituições representativas de um determinado tipo e dentro delas; o crescimento ou o declínio da revolução, a correlação dos meios de luta extraparlamentares com os parlamentares - eis onde estão os dados principais, fundamentais, objectivos, que é preciso ter em conta para deduzir a tática do boicote ou da participação, não arbitrariamente, não segundo as nossas «simpatias», mas de modo marxista.

A experiência da nossa revolução esclarece-nos claramente como se deve abordar de modo marxista a questão do boicote.

Porque é que o boicote à Duma de Bulguine se revelou uma tática justa?

Porque correspondia à correlação objectiva das forças sociais no seu desenvolvimento. Deu à revolução que crescia a palavra de ordem de derrubar o velho poder, que, para desviar o povo da revolução, convocava uma instituição (a Duma de Bulguine) conciliadora, grosseiramente falsificada, e que por isso não abria perspectivas de «ancorar» seriamente no parlamentarismo. Os meios de luta extraparlamentares do proletariado e do campesinato eram mais fortes. Eis a partir de que elementos se formou a tática justa, que tinha em conta a situação objectiva, de boicote à Duma de Bulguine.

Porque é que a tática de boicote à III Duma se revelou errada?

Porque se apoiava apenas no «brilho» da palavra de ordem de boicote e na repugnância pelo carácter grosseiramente reaccionário da «pocilga» de 3 de Junho. Mas a situação objectiva era tal que, por um lado, a revolução estava num fortíssimo declínio e caiu ainda mais. Para o seu ascenso, o apoio parlamentar (mesmo do interior de uma «pocilga») adquiria uma enorme importância política, pois quase não existiam, ou eram extremamente fracos, meios de propaganda, de agitação, de organização extraparlamentares. Por outro lado, o carácter grosseiramente reaccionário da III Duma não a impedia de ser um órgão da inter-relação real das classes, a saber: da aliança stolipiniana da monarquia com a burguesia. O país devia superar esta nova inter-relação das classes. Eis a partir de que elementos se formou a tática justa da participação na III Duma, que tinha em conta a situação objectiva.

² **Liberdan**: nome irónico dado aos dirigentes mencheviques Liber e Dan e aos seus partidários depois da publicação no jornal bolchevique de Moscovo *Sotsial-Demokrat* de um artigo satírico de Demián Bédni intitulado “*Liberdan*”.

Basta reflectir nestas lições da experiência, nas condições de uma abordagem marxista da questão do boicote ou da participação, para nos convenceremos da incorrecção mais completa da tática da participação na «Conferência Democrática», no «Conselho Democrático» ou pré-parlamento.

Por um lado, cresce uma nova revolução. A guerra intensifica-se. Os meios extraparlamentares de propaganda, de agitação, de organização, são enormes. A importância da tribuna «parlamentar» neste pré-parlamento é insignificante. Por outro lado, este pré-parlamento não exprime nem «serve» nenhuma nova inter-relação das classes; o campesinato, por exemplo, está aqui **pior** representado do que nos órgãos já existentes (o Soviete de deputados camponeses). A própria essência do pré-parlamento é uma **fraude** bonapartista, não apenas no sentido em que o sórdido bando dos Liberdan, dos Tseretéli e dos Tchernov, juntamente com Kérenski e C.^a, **fizeram batota**, falsificaram a composição desta Duma tseretelista-bulguinista, mas ainda no sentido mais profundo de que o único objectivo do pré-parlamento é enganar as massas, ludibriar os operários e os camponeses, desviá-los da nova revolução que cresce, tapar os olhos das classes oprimidas com uma nova roupagem para a **velha** «coligação» já experimentada, gasta, coçada, com a burguesia (isto é, a transformação pela burguesia dos senhores Tseretéli e C.^a em fantoches que ajudam a submeter o povo ao imperialismo e à guerra imperialista).

Agora somos fracos - diz o tsar em Agosto de 1905 aos seus latifundiários feudais. - O nosso poder vacila. A vaga da revolução operária e camponesa eleva-se. É preciso enganar o «homem simples», entretê-lo com promessas...

Agora somos fracos - diz o tsar actual, o bonapartista Kérenski, aos democratas-constitucionalistas, aos Tit Títitch sem partido, aos Plekhánov às Brechkóvskaia e C.^a - O nosso poder vacila. A vaga da revolução operária e camponesa contra a burguesia eleva-se. É preciso enganar a democracia, tingindo para isto de outras cores o fato de fantoche que usam, desde 6 de Maio de 1917, para mistificar o povo, os «chefes da democracia revolucionária» socialistas-revolucionários e mencheviques, os nossos queridos amigos Tseretélis e Tchernovs. Não é difícil entretê-los com promessas de um «pré-parlamento».

Agora somos fortes - diz o tsar aos seus latifundiários feudais em Junho de 1907. - A vaga da revolução operária e camponesa decresce. Mas não poderemos manter-nos à maneira antiga, só o engano não basta. É precisa uma nova política no campo, é preciso um novo bloco económico e político com os Gutchkov-Miliukov, com a burguesia.

Podemos assim apresentar três situações: Agosto de 1905, Setembro de 1917, Junho de 1907, para explicar de forma mais evidente os fundamentos objectivos da tática do boicote, a sua ligação com a inter-relação das classes. As classes oprimidas são sempre enganadas pelos opressores, mas o significado deste engano é diferente em diferentes momentos da história. Não se pode basear a tática no facto de que os opressores enganam o povo; é preciso determiná-la analisando **no seu conjunto** a inter-relação das classes e o desenvolvimento da luta tanto extraparlamentar como parlamentar.

A tática da participação no pré-parlamento é **errada**, ela não corresponde à inter-relação objectiva das classes, às condições objectivas do momento.

Era preciso boicotar a Conferência Democrática, errámos todos não o fazendo, mas o erro não se torna falsificação. Corrigiremos o erro, se tivermos o desejo sincero de apoiar a luta revolucionária das massas, se reflectirmos seriamente nos fundamentos objectivos da tática.

É preciso boicotar o pré-parlamento. É preciso retirarmo-nos para o Soviete de deputados operários, soldados e camponeses, retirarmo-nos para os sindicatos, retirarmo-nos em geral para as massas. É

preciso chamá-las para a luta. É preciso dar-lhes uma palavra de ordem justa e clara: dispersai o bando bonapartista de Kérenski e o **seu** pré-parlamento falsificado, essa Duma tseretelista-buliginista. Mesmo depois da kornilovada, os mencheviques e os socialistas-revolucionários não aceitaram o nosso compromisso, a transferência pacífica do poder para os Sovietes (nos quais **não** tínhamos ainda a maioria **então**), escorregaram novamente para o pântano das transações sórdidas e infames com os democratas-constitucionalistas. Abaixo os mencheviques e os socialistas-revolucionários. Luta implacável contra eles. Sua expulsão implacável de todas as organizações revolucionárias. Nenhuma conversação, nenhuma relação com esses **amigos dos Kichkine**, amigos dos latifundiários e dos capitalistas kornilovistas.

Sábado, 23 de Setembro.

Trótski era pelo boicote. Bravo, camarada Trótski!

O boicotismo foi vencido na fração dos bolcheviques da Conferência Democrática.

Viva o boicote!

Não podemos nem devemos em caso algum aceitar a participação. A fracção de uma das Conferências não é o órgão supremo do partido, e mesmo as decisões dos órgãos supremos estão sujeitas a uma revisão, na base da experiência da vida.

É preciso, a todo o custo, conseguir a decisão da questão do boicote tanto por um plenário do Comité Executivo como por um congresso extraordinário do partido. É preciso tomar agora a questão do boicote como plataforma para as eleições para o congresso e para **todas** as eleições dentro do partido. É preciso levar as **massas** a discutir a questão. É preciso que os operários conscientes tomem o assunto nas suas mãos, conduzindo esta discussão e fazendo pressão sobre as «**cúpulas**».

São impossíveis quaisquer dúvidas acerca de que nas «cúpulas» do nosso partido há vacilações manifestas que podem tornar-se **funestas**, pois a luta desenvolve-se e, em determinadas condições, as vacilações, em determinado momento, podem **deitar a perder** a causa. Enquanto não é tarde, é preciso iniciar a luta com todas as forças, defender a linha justa do partido do proletariado revolucionário.

Entre nós nem tudo vai bem nas cúpulas «parlamentares» do partido; grande atenção a elas, grande vigilância dos operários sobre elas; é preciso determinar mais rigorosamente a competência das fracções parlamentares.

O erro do nosso partido é evidente. O partido combatente da classe avançada não teme os erros. O que deveria temer seria a persistência no erro, uma falsa vergonha em o reconhecer e em o corrigir.

Domingo, 24 de Setembro.

O congresso dos Sovietes foi adiado para 20 de Outubro. Isto quase equivale a adiá-lo para as calendas gregas³, ao ritmo a que vive a Rússia. Repete-se pela segunda vez a comédia representada pelos socialistas-revolucionários e pelos mencheviques depois de 20-21 de Abril.

3 Calendas Gregas: calendas era a palavra com que os romanos designavam o primeiro dia do mês. Esta palavra não existia em grego. "Calendas Gregas" significava nunca.